



AS PROPOSIÇÕES DE POLÍTICA MACROECONÔMICA DO MAINSTREAM PARA O PÓS-CRISE E A INSERÇÃO DO PENSAMENTO NOVO KEYNESIANO

INSTITUTO DE ECONOMIA – IE/UNICAMP

Bolsista: Ítalo Pedrosa Gomes Martins <italopedrosa@gmail.com>

Agência Financiadora: PIBIC/CNPq

Orientadora: Profa. Dra. Maryse Farhi

Unidade de Apoio: Centro de Estudos de Conjuntura e Política Econômica – CECON

Palavras-chave: Novos Keynesianos; Política Macroeconômica; Mainstream; Teoria Macroeconômica; Novo Consenso Macroeconômico

Introdução: A falha do *mainstream* da macroeconomia em fornecer um conjunto de adequado de instrumento e de teorias para compreender e combater a crise econômica, que começou em meados de 2007, suscitou um debate entre os teóricos da tendência dominante sobre as bases da teoria e do conjunto de políticas macroeconômicas que devem ser postas em prática no pós-crise. No mês de fevereiro de 2010, o FMI publicou um artigo intitulado “Rethinking Macroeconomic Policy” (Blanchard, Dell’Ariccia e Mauro, 2010), assinado pelo economista chefe da instituição e alguns de seus colaboradores, afirma que várias das diretrizes que eram recomendadas como sólida política macroeconômica possuíam falhas importantes ou não estavam corretas. O objetivo da pesquisa é investigar em que medida a crise terá consequências para as diretrizes a teoria do *mainstream* no seu aspecto normativo, isto é, as políticas macroeconômicas recomendadas, e mostrar que, dentre outras escolas de pensamento, os novos keynesianos são fortes candidatos para continuar a prover os seus pilares.

Argumenta-se que há evidência de que uma mudança está ocorrendo na teoria *mainstream*, impulsionada principalmente pelos novos keynesianos. Isto é, eles, que já eram a escola dominante do Novo Consenso Macroeconômico, se mantiveram a frente do processo de reforma dos seus próprios modelos e já incorporaram algumas das críticas de outras escolas de pensamento ao seu programa de pesquisa. Neste processo de reconstrução, a tendência é de que se reduza a importância das ideias novo clássicas no Novo Consenso Macroeconômico e, apesar do fato de que os novos keynesianos já eram a escola mais proeminente no *mainstream*, eles fortalecerão sua posição em comparação com o quadro pré-crise, reforçando sua dominância. A principal mudança que se observa é a incorporação da ideia de não-neutralidade do sistema financeiro.

Metodologia: Por ser principalmente de cunho teórico, a pesquisa se baseou na revisão bibliográfica da literatura *mainstream*, para que se analisasse, através do contraste entre ideias defendidas antes da crise e depois da sua manifestação, a hipótese de que há mudança nos moldes de política macroeconômica e que essa assume um escopo novo keynesiano. Num primeiro momento, a pesquisa concentrou-se no conhecimento das escolas de pensamento que já foram *mainstream* da macroeconomia, ou seja, a síntese neoclássica, os monetaristas, os novos clássicos e os novos keynesianos, com especial ênfase nas duas últimas, já que o Novo Consenso Macroeconômico se constitui basicamente de ideias destas duas escolas de pensamento. A partir disso, iniciou-se um processo de avaliação da literatura mais recente, buscando captar as mudanças de abordagem dos principais teóricos da macroeconomia e *policy makers*. Os critérios para verificar se houve ou não mudanças foram:

- Padrões metodológicos de pesquisa;
- Essência das ideias defendidas;
- Aceitação, por outros acadêmicos *mainstream* e pelos *policy makers*, dos argumentos defendidos;
- Possíveis ameaças de outras escolas de pensamento à hegemonia novo keynesiana;
- Características das publicações nas principais revistas de macroeconomia

Resultados: A essência do pensamento dominante nas recomendações de política macroeconômica foi e continua sendo evitar a discricionariedade de qualquer política, visando aumentar sua previsibilidade. Esta é, claramente, a preocupação daqueles que colocam no centro da teoria a noção de que as expectativas são formadas racionalmente, que há potencialmente um viés inflacionário dos *policy makers* e que as políticas macroeconômicas devem se preocupar principalmente em ancorar as expectativas dos agentes.

No que tange à política monetária, o Regime de Metas de Inflação não deve ser totalmente alterado. A diferença teórica que se encontra é o reconhecimento e a tentativa de incorporar a não-neutralidade do sistema financeiro nos modelos de política monetária.

O reconhecimento de que o sistema financeiro é capaz de alterar um quadro de estabilidade macroeconômica abre espaço também para o adoção de novos instrumentos para afetar potenciais bolhas ou desequilíbrios financeiros, notadamente as políticas macroprudenciais. Esta constitui a principal novidade teórica que se encontrou na literatura recente do *mainstream*, sendo claramente uma consequência da crise.

No caso da política fiscal, dois momentos são distinguíveis: no primeiro, na fase aguda da crise, reconheceu-se a necessidade da utilização da política fiscal, sinalizando para uma inflexão na teoria macroeconômica; no segundo momento, com a deterioração fiscal nos países desenvolvidos, uma consequência da crise, os velhos argumentos utilizados contra a política fiscal voltaram a ser utilizados.

Conclusões: As teorias do *mainstream* não passaram incólumes às suas deficiências exacerbadas pela crise. Isto é, estão ocorrendo mudanças no pensamento macroeconômico dominante, mas não há afastamento das ideias dos novos keynesianos, porque:

1. Os novos keynesianos foram rápidos para reconhecer as falhas dos seus modelos;
2. A metodologia é essencialmente a mesma → modelos de equilíbrio geral dinâmico estocástico (DSGE), com hipóteses similares;
3. Existe apenas uma reforma em curso, as principais conclusões teóricas se mantiveram;
4. No interior do pensamento econômico atual, não há grande ameaça para os novos keynesianos como escola de pensamento dominante;
5. Os *policy makers* não demonstram comprometimento com políticas não ortodoxas, pelo contrário;
6. Os novos keynesianos, comparados com outras escolas de pensamento que recentemente foram *mainstream* da macroeconomia, é um pouco mais flexível.

As mudanças não são suficientes e nem revolucionárias. Isso implica que é muito mais difícil acreditar que modificações na política macroeconômica e na arquitetura do sistema financeiro sejam propelas pela teoria econômica.